

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE ABRIL DE 1911

N.º 293

Theatro da Republica

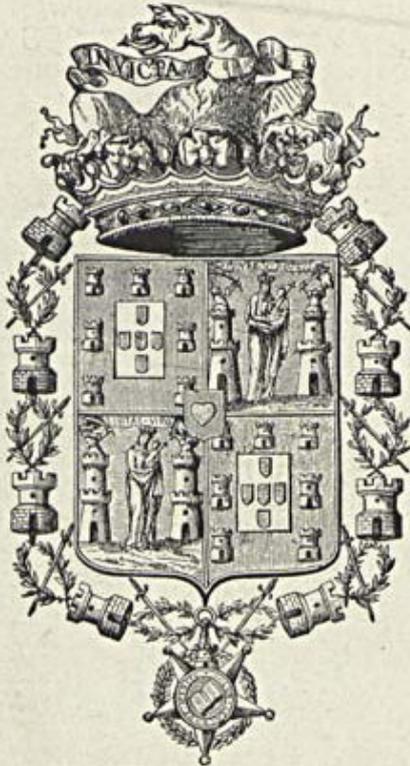


Yvette Guilbert

EXPEDIENTE

É agente e representante da Revista "BRASIL-PORTUGAL" e do "ANUARIO BRASIL-PORTUGAL", no Porto e nas outras terras do norte, o sr. José Baldaque Guimarães, cuja intelligencia e actividade muito deverão contribuir para a vulgarisação e bom acolhimento d'esta Revista, que ha pouco entrou no seu 13.º anno de publicação.

A séde da agencia do "BRASIL-PORTUGAL", no Porto, é na Travessa de Sá da Bandeira, n.º 14.



O bração d'armas da cidade do Porto

A cidade do Porto

O titulo de capital do norte conquistou-o a honrada e laboriosa cidade na sua longa existencia de trabalho, de lucta heroica pela liberdade e pelas regalias populares, de culto incessante por todas as manifestações do progresso. Para exaltar-lhe o nome bastam as suas brilhantes tradições e as victorias por ella conquistadas na fundação e na defeza da nossa querida patria. Entendeu, porém, o Porto, que devia ir mais além e por isso, graças á dedicação dos seus filhos, conseguiu hombraear com as cidades que o estrangeiro visita e admira.

E' que o Porto tem edificios como a Bolsa, praças formosas e vastas, monumentos historicos, ruas que são o emporio de um grande commercio, vivendas encantadoras e estabelecimentos commerciaes que dariam tom a qualquer das melhores cidades da Europa.

O Porto parece ter tido por origem duas povoações, uma na margem esquerda do Douro, chamada Cale, e outra na margem direita e que por ser perto d'aquella se chamou Porto-Cale. Por se estender á beira do rio, em sitio accessivel, enquanto Cale se concentrava no alto dos seus serros, foi Porto-Cale crescendo e dilatando-se.

Pouco soffreu com a invasão dos mouros que refluiram logo para o sul do Douro, e no tempo de D. Affonso Henriques era o Porto um pequeno burgo a que o bispo D. Hugo dera foral. Os bispos successores de D. Hugo confirmaram successi-

vamente este foral, mas os burguezes do Porto, já então costumados ao commercio e tracto dos estrangeiros, difficilmente supportavam o dominio e senhorio episcopal. D'ahi a alliança dos burguezes com os reis da primeira dynastia, nas luctas que estes tiveram de sustentar com o alto clero portuguez, e tambem a circumstancia dos bispos do Porto serem sempre os chefes do movimento do clero contra a realza.

Como os bispos eram senhores do Porto, tinham a sua alfandega, e o rei D. Affonso III, para não perder os proventos do grande commercio do Douro, estabeleceu tambem uma alfandega régia do outro lado do rio. Foi formidavel e prolongada a lucta provocada por esta medida, lucta que, serenada pela energia de D. Diniz, veiu a renovar-se no tempo de D. Affonso IV. Os burguezes prenderam e expulsaram do paço o bispo D. Vasco Martins; o novo bispo D. Pedro, que o substituiu, fulminou a excommunhão contra o rei, mas o infante D. Pedro expulsou-o, e mais tarde o mesmo infante, sendo já rei de Portugal, foi ao paço episcopal, açoitou o bispo D. Egidio, administrando justiça por suas proprias mãos.

O Porto, apesar de tantas luctas, ia entretanto progredindo e prosperando, e já nas côrtes de Coimbra, quando D. João I foi proclamado rei, se estipulou que formassem o seu conselho um burguez de Lisboa, outro de Coimbra e outro do Porto, tanta era a sua importancia.

Foi aquelle monarcha vivamente affeioado ás prosperidades da cidade e á já então poderosa iniciativa commercial dos seus negociantes, que tinham a sua Bolsa desde o tempo de D. Diniz, e haviam levado o seu commercio até aos confins da Europa. Foi elle tambem que, comprando ao bispo os direitos de senhorio, acabou d'esta forma com os conflictos de jurisdicção entre os reis e os prelados, e consequentemente entre estes e os burguezes, ficando então sendo o Porto uma terra no pleno gozo das suas franquias municipaes e só dependente da corôa.

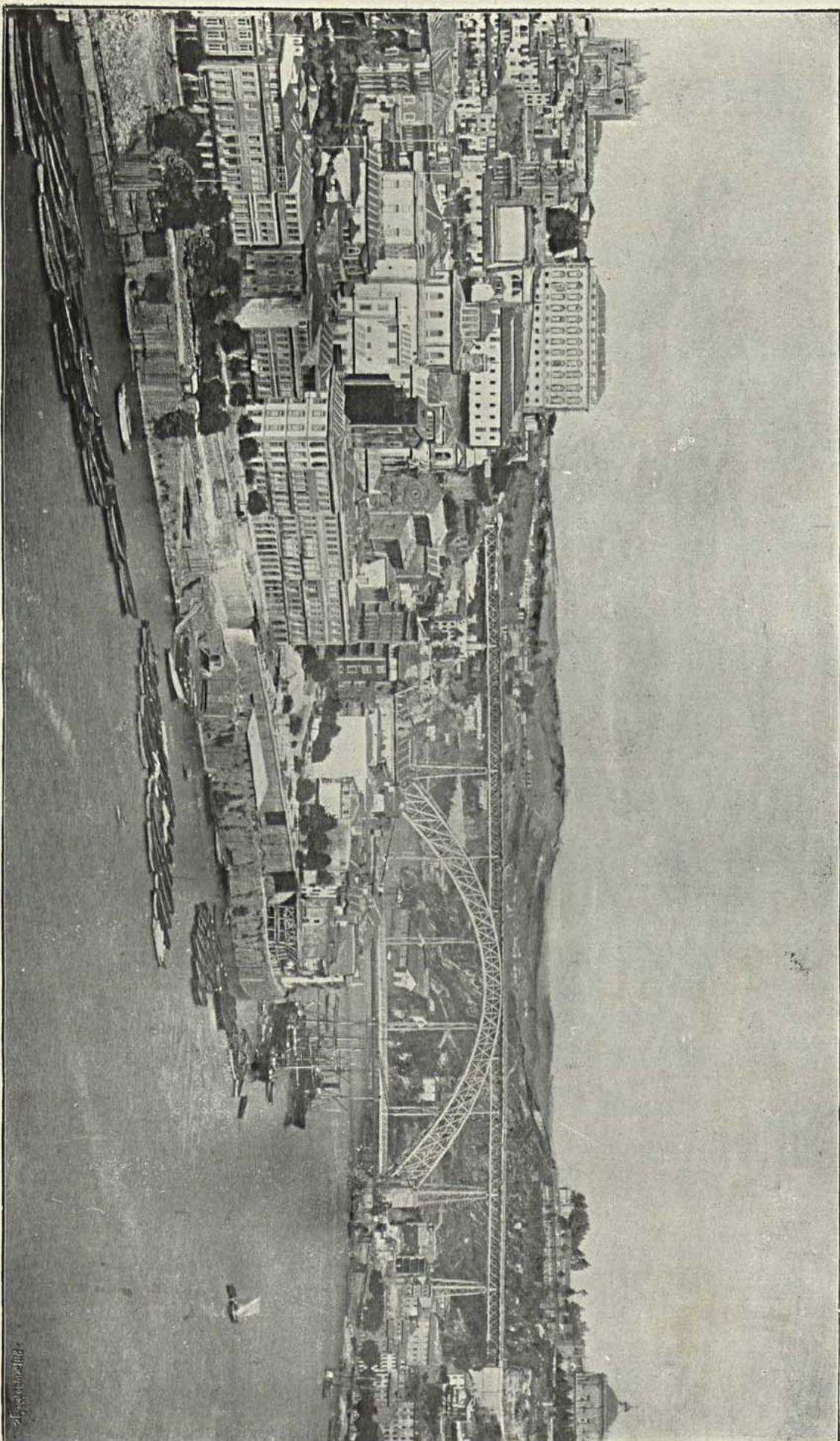
Era então já o Porto cercado de muralhas que fechavam o espaço approximadamente igual ao que comprehendem as freguezias da Sé, S. Nicolau e Victoria. Mas o espirito laborioso e activissimo dos habitantes, que ia fazendo desenvolver e prosperar o commercio e que deu grande contingente para o periodo aureo das nossas descobertas, fazia-se tambem sentir dentro dos proprios muros, tendo a cidade de se alargar para fóra das suas muralhas, mandando por isso el-rei D. Manuel abrir novas ruas e concedendo aos burguezes novos privilegios.

Seria muito interessante seguir o Porto nas suas luctas e nos seus progressos durante todo o espaço que decorre até aos tempos modernos. E principalmente nos podiam merecer attenção as differentes phases por que passou o seu commercio, com especialidade o dos vinhos, mas nem o espaço, nem a natureza d'esta publicação permitem que nos alarguemos em assumptos que não



Porto.— O chafariç da Ribeira

A cidade do Porto



Um aspecto da cidade

estão essencialmente ligados ao plano do nosso trabalho — o qual consiste em traçar apenas uns ligeiros apontamentos históricos da segunda cidade do paiz.

Quando em Portugal começaram a germinar as idéas de liberdade, encontraram ellas no Porto o mesmo entusiasmo com que em épocas distantes a energica cidade acolhera a causa nacional, adherindo ao mestre de Aviz, e aclamara a revolução de



Porto. — Igreja de Cedofeita

1640, sacudindo o jugo hespanhol. Em 1820 rebentou no Porto a famosa revolução. Tendo durado bem pouco o regimen de liberdade que se pretendia estabelecer, foi ainda do Porto que, em 1826, outhorgada a carta constitucional, partiu a iniciativa liberal, para que se proclamasse o novo codigo politico. Foi ali que em 1828, dado o golpe de estado por D. Miguel, a guarnição se revolucionou ainda pela causa liberal, nomeando-se uma junta provisoria.

A revolução, porém, foi suffocada, o exercito perseguido teve que emigrar, os membros da junta e alguns cabeças da revolta fugiram no *Belfast*, e dos que ficaram da revolução alguns pagaram mais tarde no cadafalso o seu amor á liberdade. Depois, quando em 1832 entrou na cidade o exercito que, sob o commando de D. Pedro, vinha libertar o paiz, o Porto, apertado no duro cerco que lhe pôz em seguida o exercito de D. Miguel, praticou taes heroismos, foi tão acrisolado na dedicação com que sustentou a causa da liberdade a que se havia votado, que só a historia d'este assedio, com todas as suas luctas, com todas as suas horrosas privações e com todos os seus sacrificios, precisava de longas paginas para ser narrada. O Porto conquistou então o nome de Cidade Invicta. D'ahi para cá, a nobre cidade continuou sempre a exercer, e tem exercido até hoje, uma influencia poderosa e por vezes decisiva na politica do paiz.

Yvette Guilbert

ALTA e elegante, olhar vivo e expressivo, physionomia sympathica a que ella, com habilidade rara, imprime modelações as mais variadas, segundo o assumpto do *couplet* é travesso, melancolico ou tragico, attrahe-nos mal entra em scena, vae-nos conquistando aos poucos, a cada uma nova manifestação do seu talento e da sua arte, de modo que, ao descer o talão sobre a derradeira nota da ultima canção, tem-nos dominado por completo: — é uma verdadeira fascinação esta adorada Yvette!... E depois, a voz — que suavidade, que maravilhosas inflexões, como ella sabe dar colorido, com que poder magico de intenção apropriada sublinha cada phrase, dando-lhe valor, o realce preciso, emocionando-nos umas vezes, fazendo-nos gargarhar outras, ou apenas sorrir, que é, quanto a nós, quando ella attinge o maximo da sua arte encantadora, e quando todos os seus dotes e graciosidades mais intensamente se revelam. Em todo o seu repertorio, tanto antigo como moderno, ella é grande. Em cada numero nós temos de descobrir uma *nuance* nova, uma seducção desconhecida, emfim um clarão de superioridade que illumina todo o seu trabalho, elevando-a, como mulher e como artista, ás culminancias de Deusa.

Difícil nos é apontar um trabalho de destaque tão equal ella é em todos que executa. Citaremos no emtanto como mais empolgantes — *C'est le mal*, *Le Fiacre*, *Joli tambour* e *La Pierreuse*.

Foram umas noites excellentes que nos proporcionou o intelligente empresario Visconde de S. Luiz Braga.

Ruy.



Porto. — O antigo palacio real das Carrancas

Uma anedota historica

FREDERICO, o Grande, rei da Prussia, tinha por costume disfarçar-se e sahir, só, a passeio, para observar directamente como corriam as coisas no seu reino e conhecer as necessidades do seu povo.

Um dia em que, disfarçado em simples soldado, passeava nas proximidades d'um quartel, encontrou um soldado do regimento ali aquartelado que dava evidentes manifestações de ter entrado um pouco demais pelo vinho. Immediatamente se encaminhou para elle, travando uma conversação amigavel e lamentando-se da sua paga exigua lhe não dar margem para de vez em quando poder ir à taberna variar um pouco de comida.

— Outro tanto não te acontece a ti, disse o rei ao soldado, pois, segundo vejo, permittes-te o luxo d'um copo a mais.

parada, o rei passou-lhe revista e, sendo informado de que um soldado estava preso por ter commettido um crime gravissimo a que correspondia a pena de morte, ordenou que o trouxessem para a frente do regimento e, enquanto esperava, foi andando de vagar até ficar em frente do soldado com que na vespera conversára.

Chegado o criminoso á frente do regimento, Frederico, o Grande, fez uma allocução aos soldados sobre a necessidade de se manter inquebrantavel a disciplina e de se não repetirem os casos como aquelle de que era accusado o soldado que estava na sua presença, terminando por annunciar que ia dar ali mesmo um exemplo de castigo severissimo.

E, voltando-se para o soldado com que conversára na vespera e que estava na formatura mesmo na sua frente, ordenou-lhe com voz imperiosa:

— Corta a cabeça a esse miseravel!

O soldado, aturdido pela inesperada ordem, sae da formatura, prostra-se perante o rei, supplicando-lhe que o poupe ao remorso



Porto. — Uma das salas do palacio das Carrancas

— Ah, meu caro, responde o soldado, se não fosse isso, não sei bem como supportaria a vida; parece-me que estourava de aborrecimento.

— Mas como fazes tu para o dinheiro te chegar? retorquiu o rei. Eu confesso-te com toda a franqueza que a mim não me chega para esse luxo.

— Ora, como faço? respondeu muito alegre o soldado. Ponho no *prégo* qualquer objecto do fardamento ou do equipamento de que não tenha necessidade immediata. Olha, aqui muito em segredo, d'esta vez foi a lamina do sabre. Vês, substitui-a por uma de madeira. E dizendo isto, puxava pelo punho do sabre e mostrava ao rei um bocado da lamina que este estupefacto verificava ser de madeira.

— Ninguem vem a saber-o, continuou o soldado. Tão cedo não temos revista no regimento...

Frederico despediu-se do soldado com maneiras muito amigaveis e no dia seguinte, acompanhado de todo o seu estado maior, appareceu inesperadamente no quartel. O regimento formou em

de executar um camarada, embora indigno da estima dos soldados leaes e disciplinados.

Mas o rei, implacavel, repetiu com intimativa:

— Corta a cabeça a esse miseravel!

— Pois bem, exclama o soldado, já que Vossa Magestade se não digna acceder ás minhas supplicas, nada tenho a esperar dos homens. Dirijo-me a Deus que lê no mais recondito da minha consciencia. Supplico a Deus o milagre de transformar em pau a lamina do meu sabre!

E dizendo isto, saca o sabre com um movimento rapido e energico, mas ao mesmo tempo deixa-o cahir e recua, com os olhos esbugalhados e bem fingido espanto, ao verificar que a sua supplica fóra attendida pelo céo.

Frederico, estupefacto, admirava a finura e sangue frio do soldado e chamando-o depois á sua presença, aconselhou-o a não mais pôr no *prégo* os objectos de fardamento e deu-lhe uma avultada quantia que o soldado recebeu com grandes mostras de reconhecimento.

As Almas da Ponte

COM esta designação vem a piedade memorando no Porto a enorme catastrophe allí succedida ha um seculo por occasião da segunda invasão franceza. Quem n'essa cidade fala em Almas da Ponte recorda o modo como a religiosidade perpetuou e vem suffragando o grande numero de victimas que se afundaram no rio Douro a 20 de março de 1809.

Um quadro, que está pouco mais ou menos reproduzido na nossa gravura, e que ha um seculo foi collocado no muro da Ribeira, em direcção ao sitio onde outr'ora se fazia a comunicação entre o Porto e Villa Nova de Gaya por meio da archaica ponte das barcas, ficou revelando a grandeza do desastre allí succedido e provocando as mais sinceras manifestações do culto.

O bispo, reconhecendo as difficuldades, retirou com os ultimos soldados fieis para a margem esquerda do rio e foi organizar o ultimo reducto no alto da Serra do Pilar, tendo por imprevidencia deixado cortada a ponte das barcas e desligadas as pranchas que ao centro uniam umas a outras d'essas mesmas barcas em que se firmavam.

A população portuense, alarmada e em fuga, buscou passagem pela ponte com tal desatino que se precipitou na corrente, dando este enorme desastre um incalculavel numero de victimas e uma das paginas mais luctuosas para a chronica do Porto.

Depois d'essa violenta calamidade estabeleceu-se uma sagração piedosa para memorar com as préces da religião os finados que n'esse dia ficaram sepultos nos abysmos do rio Douro e a arte reproduziu. em um painel exposto ha um seculo, uma synthese da enorme desgraça que ainda hoje arranca lagrimas e avulta a saudade no coração dos portuenses.

F. J. PATRICIO.

O Quadro das Almas, na Cidade do Porto



As Almas que falecerão na ponte do Rio Douro na entrada dos Francezes no Anno de—1809, hum Padre Nosso chãu Ave Maria.

A irmandade das Almas, erecta na rua do Calvario, é a instituição que tem vindo a tratar de recolher as esmolos dos fieis e a promover o culto pelas victimas da invasão, que pereceram afundadas no rio Douro.

O acontecimento presta-se a uma celebração importante, pois a tradição sempre viva que os portuenses conservam do que se passou em tão criticas circumstancias, quando a cidade foi invadida e posta a saque, é um assumpto digno de memorar-se.

Soult, o duque da Dalmacia, invadiu o paiz entrando por Trazos-Montes. A praça de Chaves, mal preparada para a resistencia, logo cedeu; d'ahi veio o exercito francez inutilizando os esforços da divisão do general Silveira e de Bernardim Freire, até entrar em Braga, d'onde avançou sobre o Porto.

Presidia á organização da defeza da cidade o bispo D. Antonio de S. José e Castro e havia tres commandos organizados pelos brigadeiros Victoria, Lima Barreto e Parreiras; mas a precipitação com que foram feitas as fortificações e o amotinado da plebe que prejudicava a disciplina militar, inutilisaram todos os esforços, e Soult entrou a 29 de março, pondo a cidade a saque.

— Então que resultado tiraste tu da córte que estavas fazendo á filha d'aquelle ricasso muito bruto?

— Não tirei tão bom resultado como suppunha. Pedi ao pae a mão da filha, e elle respondeu-me com o pé.

Pensamentos

Na guerra do amor, a fuga é uma victoria

PETRARCA.

O amor é a occupação dos desoccupados.

DIOGENES.

E' melhor amar que ser amado.

ARISTOTELES.

NO PORTO

Ha seis coisas n'este mundo que andam sempre juntas :
As riquezas e a vaidade. As paixões e os males. As mulheres
e as lagrimas.

...

Exposição de quadros de Sousa Pinto



D. Antonio Barroso, antigo bispo do Porto, visitando a exposição e assignando o seu nome no livro dos visitantes

Não são as traições femininas que nos obrigam a desconfiar das mulheres. São as nossas.

P. BOURGET.

A primeira lagrima de amor que se faz derramar, parece um brilhante; a segunda, uma perola; a terceira... uma lagrima.

...

Na maior parte das vezes, os amantes nada tem a dizer-se, mas estão sempre a falar.

DUCLOS.



NO PORTO — Exposição de quadros de Sousa Pinto
*Sousa Pinto e Arthur Loureiro,
no atelier do qual se realisou a exposição*

Todos deveriam escolher os seus amigos entre os homens que falam com agrado às mulheres velhas e feias.

MERY.

As mulheres não tem amigas, só tem rivaes.

GONDINET.

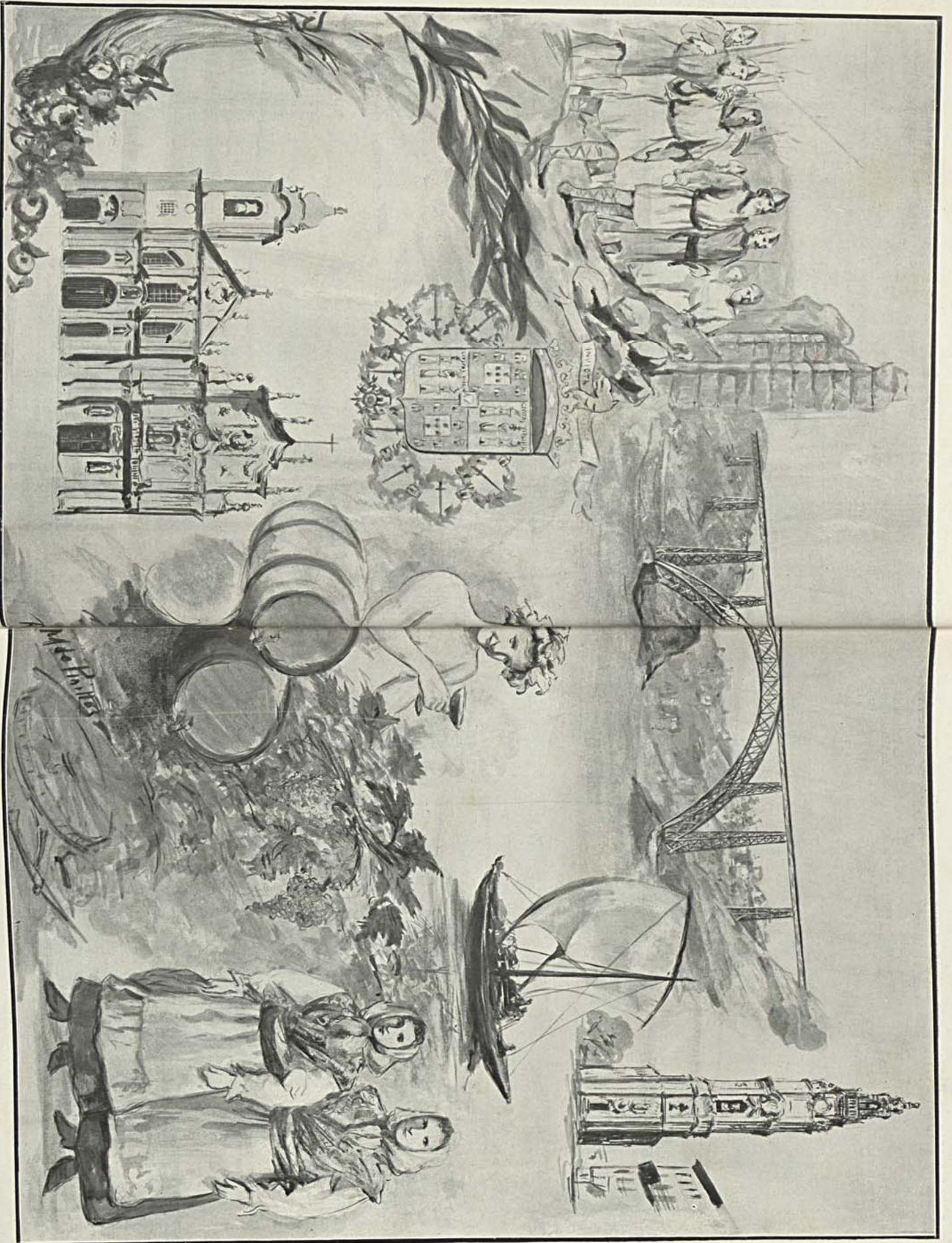


NO PORTO — Exposição de quadros de Sousa Pinto
Cabeça de velha (Povoa)



NO PORTO — Exposição do quadros de Sousa Pinto
Rapariga dos arredores do Porto

(Phot. de C. Cardoso — Fot. do Douro)



O "Brasil-Portugal" é cidade do Porto

Bombeiros municipaes do Porto

É sem duvida o serviço dos bombeiros municipaes da cidade do Porto um dos melhores do paiz e talvez um dos que pôde sofrer confrontos com os similares estrangeiros, sem desdouro para



Augusto Pereira da Costa

Ex-vereador do pelouro dos incendios, do Porto



Luiz Ferreira Alves

Actual vereador do pelouro dos incendios, do Porto

a nação. Assim o provaram em tempos idos, não longiquos, os torneos feitos pelos referidos bombeiros em Londres, Paris e Lyon.

E, se a competencia technica, o arrojo e a rapidez dos serviços dos nossos bombeiros ficou assignalada tão brilhantemente no tempo do fallecido Inspector, G. Gomes Fernandes, justo é dizer-se que, sob a direcção do actual inspector, capitão d'engenharia Arthur Maria da Silva Ramos, em nada desmereceram taes qualidades e, ao contrario, dia a dia, ellas se melhoram visivelmente.

Estão a attesta-lo as modificações continuadas para aligeirar e simplificar o material, tornando mais promptos os soccorros, e os constantes exercicios feitos na casa esqueleto que o publico, quer nacional quer estrangeiro, sempre applaude com muito enthusiasmo, pela precisão, ordem e rapidez com que são executados.

Para coroar a nitida e exacta comprehensão do amor e carinho que tem merecido á municipalidade tal serviço, erigiu ella um quartel para os seus bombeiros no coração da cidade, em que se allia á boa estrategia da situação a imponencia do local pelo vasto panorama que se descortina.

Este edificio, digno da visita dos mais exigentes em serviços de tal ordem, de que esta Revista apresenta aos seus leitores varias photographias, é situado na rua de Gonçalo Christovam, rua que divide ao meio, a ligar a area populosa da cidade e, portanto, a indicada para o estabelecimento efficaç d'um quartel de tal natureza.

A rua é bastante larga e por uma coincidencia feliz não é muito movimentada, de fórma que é, em regra, sempre facil e sem incidentes a saída do material para os fogos.

1.º soccorro, bomba a vapor e carro em que vae o pessoal superior, o refeitório, o serviço telephónico, os quartos do pessoal de serviço permanente e a sala da arrecadação geral, tudo adrede disposto e preparado para um serviço prompto, harmonico e comodo.

O pavimento superior tem, ao centro, o salão nobre muito amplo e mobilado, como todas as dependencias do edificio, com gosto e simplicidade.

Este salão é ladeado, na fachada leste e a toda a largura do edificio, pelo dormitorio com 30 camas, tendo annexos quartos para lavar e guardar as roupas do pessoal, que se compõe de 30 bombeiros permanentes no quartel.

E' ladeado nas outras fachadas pela sala da aula e de bilhar. A porta de saída d'este salão dá para um corredor ao meio do edificio que tem, d'um e outro lado o gabinete do inspector, a sala do archivo, de desenho, do thesoureiro, dos ajudantes e dos chefes de secção, e ao fundo uma sentina com bacias modernas d'autoclimismo para lavagem.

Todos os aposentos são muito illuminados, arejados e amplos.

A fachada sul do edificio deita para uma ampla parada em dois espaçosos pavimentos, o superior, ao nivel do rez do chão do edificio, a nascente do qual estão installadas as cocheiras e um tanque espaçoso com agua para lavagens e exame do material d'incendios, e o pavimento inferior, tambem muito extenso, a 4^m abaixo do primeiro, ostenta, a nascente, a bella casa esqueleto de cimento armado com cerca de 20 metros d'altura.

Este quartel é a chamada estação principal porquanto, em varios pontos da cidade e em locaes devidamente escolhidos, estão disseminadas mais 12 estações, umas com material a tração animal — as



Arthur Maria da Silva Ramos

*Capitão d'engenharia
Inspector geral dos incendios, do Porto*

de 1.^a classe, e outras com material a tracção braçal—as de 2.^a classe, que defendem eficazmente a cidade d'um primeiro ataque d'um fogo.

Por todas ellas está distribuido um pessoal em numero de 30 homens, que com os 30 da estação principal, prefazem o total de 60 homens em serviço permanente, para ataque de fogos.

De notar é que o numero de chamadas para serviço de fogos regula de 180 a 200 por anno.

Recordar, porém, a luta em que o actual e digno inspector se empenhou, coadjuvado, a principio, frouxamente, para conseguir levar por diante a construcção d'este quartel, que elle, em todas as minucias, delineou, projectou e orçou, desde os alicerces, que são formidaveis pela difficuldade de construcção que offereceram,

Basta dizer que ao entrar para o pelouro o sr. Pereira da Costa encontrou a caixa com a quantia de réis 2:698²⁰³ e ao sair, passados 3 annos, deixou-a com a importancia de réis 9:496⁸⁸⁸!

Não houve amigo, não houve recurso de que não lançasse mão para fazer progredir tal caixa.

São, pois, dois nomes, o de Augusto Pereira da Costa e do capitão Arthur Ramos que impulsionaram a construcção do bello edificio, que, sob todos os pontos de vista, tão cabalmente satisfaz ao fim a que se destina.

Para rematar devemos ainda observar que ha um edificio a construir para a installação condigna dos bombeiros municipaes, como seja um quartel de bombeiros na Foz do Douro, já projectado e orçado pelo actual inspector, sr. capitão Ramos. E' de esperar

O novo quartel dos bombeiros municipaes do Porto, na rua de Gonçalo Christovam



Material dos incendios recolhendo ao quartel

pois foi preciso para ir ao firme escorar até 18^m de profundidade e construir depois pegões e abobadas para obter um alicerce seguro, é lembrar uma odyssea ardua, difficil e complicada.

Com a entrada, porém, da vereação anterior á actual, a missão tornou-se de espinhosa em agradável porque a ajudar a empreza do capitão Ramos estava felizmente á testa do pelouro dos incendios um homem d'uma especial envergadura, o Ex.^{mo} Sr. Augusto Pereira da Costa, que conhecendo bem de perto o que devia ser um serviço d'incendios d'uma cidade como o Porto, não se poupou a exforço de especie alguma, quer junto dos seus collegas na vereação para arrancar aos inflexiveis orçamentos camararios a maior somma possível para se levar por diante e finalizar uma obra tão necessaria, quer promovendo festas e reclamos varios que ao seu generoso bolso custavam sommas avultadas, para chamar sempre a attenção dos municipes e a benevolencia da Camara para os seus bombeiros como elle pittorescamente lhes chamava.

Depois, insatisfeito com a obra do quartel, colossal já, pediu á Camara augmento de pessoal e melhoria de situação. E tanto pediu e tão eloquentemente defendeu a sua causa que a Camara o attendeu!

E que diremos da Caixa Guilherme Gomes Fernandes para pensionar os bombeiros inutilizados em serviço, fundada pelo actual Inspector!

que o actual vereador, sr. Ferreira Alves, que é novo e cheio de boa vontade, leve a cabo tal empreza.

E se Sua Ex.^a influisse para a compra da parcella de terrenos afim da parada entestar com a rua Guedes de Azevedo, então a parada completar-se-hia, como é necessario.

E já que estamos com a mão na massa não era até uma obra urgentissima de boa moral o aterrar a infecta viella dos Carvalheiros, officina do vicio, para sobre tal aterro se levantarem as officinas de trabalho da inspecção d'incendios, que jazem esquecidas n'esses velhos pardieiros junto da Camara Municipal?!

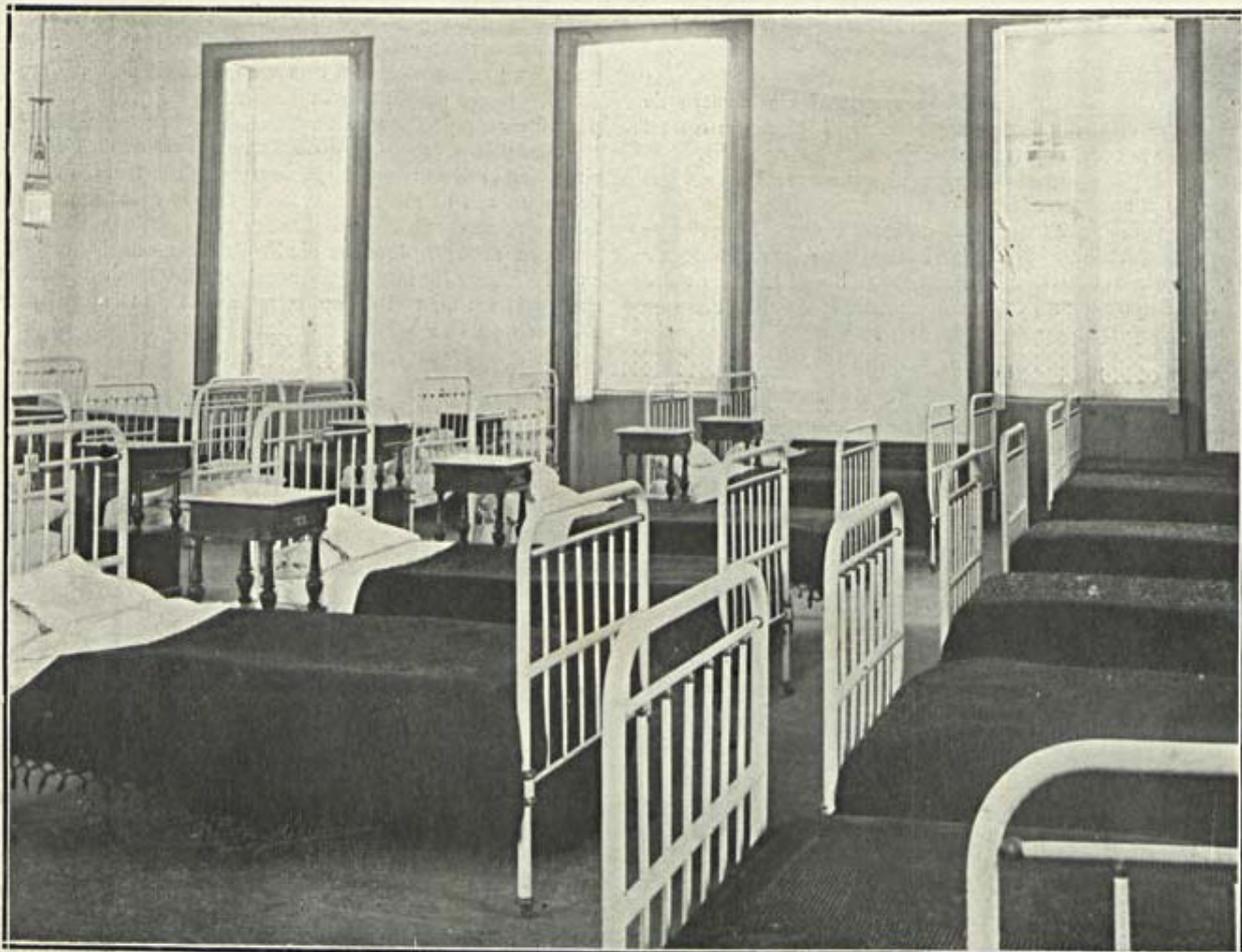
Que bella obra não faria o actual vereador do pelouro se tal conseguisse!

VICTOR HUGO MACHADO

Engenheiro ajudante da Inspecção.

Com a censura acontece o mesmo que com as sógras — acostuma-se a gente a ellas: mas é preciso ter muita paciencia e um pouco de espirito.

DUMAS FILHO.



O novo quartel dos bombeiros municipais do Porto, na rua de Gonçalo Christovam
O dormitório

FIGURAS ANTIGAS

I

— Valha-te Deus, mulher! Atravesares-te assim, por um calor d'estes!... — lastimava o João Marques, ouvindo os gemidos da esposa.

A Luiza Barbara nem o saudara.

Sentara-se a arquejar, os cabellos descompostos, empastados de suor, apertando nas mãos o ventre largo e pesado da gravidez, a dominar as primeiras dores.

Estendido a seus pés, via-se um sacco de pães que ella conduzira á cabeça, aguentando o sol d'aquelle domingo de junho, por veredas esbraseadas, no trabalho de levar ao homem, errante na serra a guardar gado, o costumado centeio para um mez.

— Nem que cá na serra me faltasse o comer!... censurou carinhosamente, erguendo-a pelas axillas.

E conduziu-a, apoiada no hombro, para a sombra olorosa de um giestal florido, depois de ter assobiado ao cão, que immediatamente surgiu prostrado no cume de uma penedia, de orelhas fitas e olhos vigilantes, a guardar o rebanho dos lobos vorazes.

Antes de raiar a manhã seguinte, as avesitas novas aninhadas entre as maias doiradas do giestal, acordaram em sobresalto aos vagidos robustos do primeiro filho do pastor.

— Bem, Luiza — disse o João Marques, desembulhando-se da manta, ao nascer do sol — tu fica aqui com o rapaz, enquanto dou por ahí uma volta, a repastar o gado.

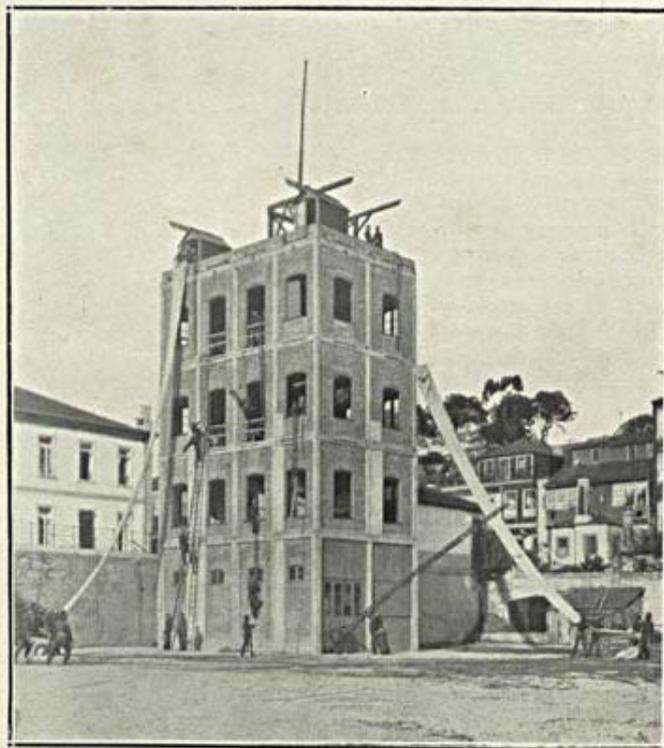
— Mas não te demores, homem? pediu Luiza, abrindo os labios do filho com um botão do seio.

— Tens medo?... gracejou o pastor.

— Tenho agora medo!... Mas tu sabes que estão lá as presas a vasar de cheias e os renovos quasi seccos...

Nos olhos do João Marques assomaram uns lampejos de contentamento ao reconhecer que tinha mulher para a vida; e, enquanto o gado ia pastando, reflectia elle nas palavras de Luiza.

A mulher era sósinha em casa, o pão por ceifar, os feijoeiros e os batataes estavam com flôr, e se levasse o pequeno era um trambolho que a peiaria de pés e mãos.



Um exercicio de bombeiros na casa esqueleto do novo quartel

A paralyzação do trabalho por 24 horas



Os grevistas impedindo o transitio dos electricos

Em signal de protesto contra os recentes acontecimentos de Setubal, o «comité» das Associações de Classe de Lisboa, decretou a greve geral durante 24 horas, effectuando-se o movimento no dia 20 do mez findo. Como, porem, muitos operarios não adherissem, os grevistas tentaram obrigar-os por meio da violencia, tentando tambem obstar a que os electricos circulassem. O movimento, comquanto não tivesse a importancia que se imaginava, produziu ainda assim uma certa agitação na cidade e em especial na Baixa.

«Nada, o rapaz fica cá commigo»... deliberou de volta ao giestal.

E a mulher, com as lagrimas nos olhos, affagando, nas mãos asperas, a fronte mimosa do filho, concordou que levando o rapaz se perdia o renovo.

— Isto vae ser um mocetão! Has-de ver! — vaticinou-lhe o marido, á despedida, para a consolar.

E a Luiza Barbara desceu a serra, voltando descalça para a aldeia, resistente e triste como a cabrinha á qual o João Marques tirara o chibo de um dia para servir de ama ao filho.

E o tratamento fóra tão bom, que o pequeno, d'ahi a mezes, estava forte como o mais robusto cabrito do rebanho.

Luiza Barbara, durante a semana, trabalhava affanosamente, amamentando, nos repousos da fadiga, os filhos de mães doentes, e, nos domingos, subia, pressurosa, as encostas da serra, com os seios alvoraçados de alegria, a resumar de bom leite, á semelhança de uma ovelhinha branca que trepasse ao cume da serra, onde ouvira balar o seu cordeiro perdido.

João Marques, para satisfazer a mulher que, n'um impeto de encantadora maternidade, queria, n'aquelle dia, amamentar o filho, vendava os olhos do petiz com as abas do chapéu, para que não se habituasse á vista do seio materno e depois esmorecesse.

Assim se foi creando, crescendo ao sol e á neve, dormindo nas anfractuosidades das rochas, o filho do João Marques que, aos sete annos, dava conta do rebanho como o melhor pastor da serra.

N'esta idade, já o pae descansava n'elle, confiando-lhe a peiara nos dias em que era necessario descer ao valle, a ajudar a mulher na faina agricola, sem receio de tresmalho ou da eiva.

O pequeno Agostinho chegara aos quatorze annos sem conhecer o povoado.

Correra leguas da Estrella, os campos da Idanha, vira de longe cidades, villas, aldeias, mas, da povoação onde a mãe habitava, apenas conhecia o som dos sinos que o pae lhe ensinara a distinguir para resar as *Avé-Marias*, de manhã e ao pôr do sol, quando os bronzes dos campanarios escondidos nos valles diffundiam recordações e preces nas azas largas dos ventos.

Nem para o baptismo o filho do João Marques fóra á parochia. Uma tarde, quando ainda mal andava de burras, á roda do bardo, um carneiro deixara-o por morto de uma marrada na testa, e o pae, correndo a encher a ferrada da agua, baptisara-o apressadamente, pondo-lhe o nome do avô, Agostinho, que era, na lembrança dos antigos, o mais afamado pastor da Estrella.

Mas este baptismo, assim ministrado com pressa, sem santos oleos, só com as palavras ensinadas pela tia Felismina do André, erguera escrupulos de validade na consciencia do simples serrano.

Uma madrugada que avistou o reitor passando a cavallo n'uma aba da serra, lembrou-se de lhe sahir ao encontro.



A paralyzação do trabalho por 24 horas
A cavallaria dispersando os grevistas



A paralyzação do trabalho por 24 horas
Os grevistas reunidos no Terreiro do Paço

— Ora venha com Deus, senhor reitor!...

— Eh! lá João!... Tu aqui, cá tã em baixo?!... — saudou alegrementemente o sr. padre Januario, baixando o dedo do anel até á bocca do pequeno Agostinho.

— Não que lá em riba aperta um frio de rachar os Cantaros!...

— Sim, cá em baixo, as ovelhas socegam e comem melhor... E como tu, ainda tã cedo, e já as trazes fartas!... elogiou olhando a peiara com admiração,

— Pois olhe que paparam a estrella d'alva no bardo e ainda não comeram nem um sacramento.

O padre Januario sorriu á estranha linguagem com que o pastor lhe garantia o jejum do rebanho.

— Pois parecem já fartas com um dia de pasto! E' cada barriga! cada lombo!... E até as cabras, João, nem parece que andam a crear!

— Quere o senhor reitor mamar uma? — Chiba! Nogueira! — clamou, dando em seguida um assobio.

E logo uma linda cabra amarellada, de uberes pesados e tensos, correu a fariscar-lhe os dedos.

Segurando-a pelos chifres com a mão direita, enquanto soffreava, obsequiosamente, com a esquerda, a montada do reitor, insistiu:

— Ande, desencavalle-se?

— Não, homem, obrigado... D'outra vez será... Hoje tenho lá jornaleiros no passal!...

— Mas o senhor reitor apostou que ainda não almoçou?

— Lá isso é verdade. Mas, agora...

O pastor desistiu-o rapidamente com um gesto onde havia favor e franqueza.

— Então?! Ande, desencavalle-se, não se faça burro... E o bom padre Januario philosophando graciosamente que não era seguro indicio de racionalidade esperar algumas horas pelo leite, talvez esturrado, da cosinha, apeiou-se e ajoelhou risonhamente entre as pernas da cabra que remoia serena enquanto o velho reitor a sugava com soffreguidão e o pastor lhe corria os dedos mimalheiros no pescoço.

— Esta, senhor reitor, é das legitimas! Cada ordenho é uma canada!

E devia ser exacta a conta do pastor, porque o padre Januario tivera de violentar o estomago para acabar o leite de um ubere.

— Agora, accende ahi lume... pediu o reitor, indo ao alforge tirar uma lata de café com genebra.

— Isso é um ai... Vae tu, Agostinho, ver o gado.

D'ahi a minutos, via misturar a um liquido negro uma agua branca de um cheiro tã violento que até o cão espirrara ao approximar o focinho.

— Toma... disse o padre Januario, estendendo-lhe um copo de café com genebra.

O pastor olhou o liquido.

O cão farejou.

Cão e dono entreolharam-se.

«Para qual d'elles seria?»

— Então?! insistiu gritando o pastor.

— Nós e os cães, senhor reitor — respondeu o João Marques torcendo envergonhado as mãos — só comemos pão e leite...

— E' verdade, nem me lembrava... Mas, um cigarro?... ofereceu levando dois dedos ao bolso do collete.

— Isso até trinta...

E sentaram-se regaladamente a fumar na relva já secca do fogo.

— Pois, senhor reitor, agora que já está mais conforme, sempre lhe queria falar de uma coisa.

— Diz lá, homem...

— Eu já sei que o senhor reitor ralhou á minha patrão por se não levar o rapaz á Igreja?...

— Sim, tu bem vês, João... Já d'aquella idade e sem baptismo!...

— E' que ella envergonhou-se de lhe dizer...

— Dizer o quê?!

— O rapaz já está baptisado.

— Hein?!

— E' verdade, senhor reitor. Uma tarde, um carneiro deixou-m'o por morto lá em riba, á roda das cancelas, e eu então baptisei-o.

E contou o que dissera e como fizera. Agua corrente, o credo, uma oração a Santo Antonio e as palavras da Santissima Trindade.

— Ih! tanta coisa! — desapprovou o reitor, sorrindo.

— Mas ficaria bem baptisado?

— Isso ficar, ficou, mas não eram precisas tantas orações.

— Lá diz a tia Felismina do André que, para as coisas de Deus, quanto mais melhor.

(Continúa.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

O orpheon academico de Coimbra



O orpheon junto do theatro de S. Carlos

PORTO

Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro



Fachada da fabrica

A fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro, denominada *Fabrica Corpo Santo*, foi fundada no Porto, em 1855, pelo sr. Manoel José Barreto, e pelo seu esforço, energia e dedicação, se desenvolveu até chegar a ser considerada uma das primeiras fabricas do norte do paiz.

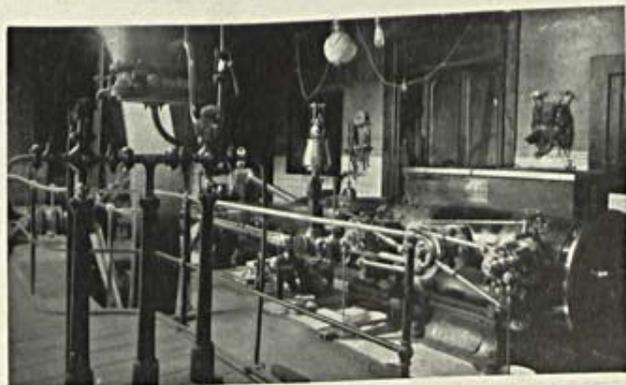
A firma Barreto, Filhos & Genro, foi creada pelo fundador da fabrica, associando ao seu nome seus dois filhos e seu genro, os quaes teem sabido honrar as tradições do seu chefe, fazendo progredir a industria sob as mais austeras condições de probidade commercial e dedicação pelo trabalho, empregando ao mesmo tempo a mais ampla e persistente orientação no intuito de bem servirem o publico com os seus excellentes productos.

As suas farinhas e seus derivados são hoje muito considerados e procurados, e a fabrica, que está a cargo d'um profissional de larga competencia, é superior e intelligentemente dirigida pelo sr. Alvaro Barreto, socio da casa, que na Universidade de Gand, Belgica, obteve o diploma de engenheiro chimico, e que dedica toda a sua attenção e actividade a este importante ramo industrial.

Esta fabrica, que se acha situada na rua da Restauração, em edificio proprio, tem uma magnifica installação, com todos os requisitos da moderna industria e com os mais recentes apparatus, tendo uma força productora de cerca de 100:000 kilos diarios.

A ultima vez que estivemos no Porto, visitámos todas as suas installações. E' pois de conhecimento individual que podemos testemunhar os progressos e os aperfeiçoamentos d'esta importante casa de trabalho.

Os srs. Barreto, Filhos & Genro, honram, não ha dúvida, a industria da moagem em Portugal e constituem no norte do paiz

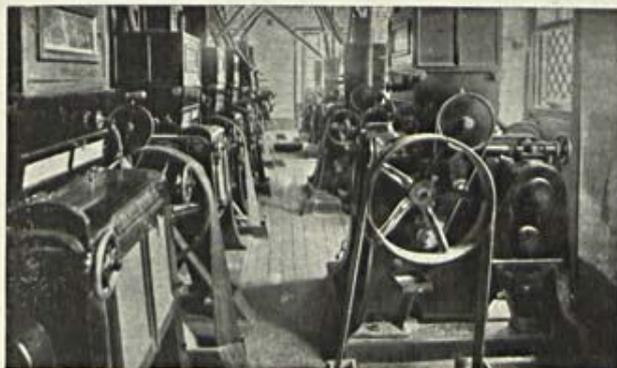


Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro
Casa das machinas

a demonstração viva e consoladora do que pode a actividade, a intelligencia, a honestidade nos processos, e — porque não havemos de dizel-o? — o patriotismo, porque verdadeiro interesse pela patria só é aquelle que procura o seu desenvolvimento, o progresso contínuo e crescente dos mais uteis e valiosos ramos da vida nacional.

A fauna maritima — A industria das pescarias

A vasta amplidão das aguas que cobre as tres quartas partes da superficie do nosso globo, occulta no seu seio uma variedade infinita de exemplares de seres do reino animal que se podem classificar em tres grandes classes: fauna costeira, comprehendendo a grande maioria dos exemplares comestiveis, fauna pelagica, abrangendo todas as especies que vivem á superficie das aguas, e fauna profunda, englobando todas as especies que teem o seu *habitat* nas grandes profundidades. A primeira tem para a humanidade um interesse pratico e positivo, porque d'ella se alimentam milhões de pessoas, e é por isso que sobre ella tem recabido principalmente os esforços de investigação, constituindo-se uma, por assim dizer, sciencia da pescaria que poderia ser definida como o estudo das relações entre o *habitat* dos peixes comestiveis, nos diversos periodos da sua existencia, com as condições physicas do meio. A distribuição das duas primeiras classes nas aguas está em intima relação com a distribuição em superficie e profundidade das plantas com que se alimentam e está provado que, no sentido vertical, as plantas não existem além do limite da penetração da luz do sol, isto é, além de 200 metros. D'aqui se conclue que as especies comestiveis não podem viver além da zona dos planaltos



Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro
Secção de cylindros

continentaes que, sob as aguas, são como que a transição entre a terra firme e as grandes profundidades.

Os peixes não param, geralmente, na mesma região; é isso até muito raro, segundo o que se tem podido concluir de numerosas e conscienciosas investigações, porque as suas necessidades variam segundo o periodo da sua existencia, obrigando-os a emigrações cujas leis começam agora apenas a ser esboçadas. Estas emigrações dão algumas vezes origem a grandes desastres economicos para prevenir os quaes são ainda impotentes a intelligencia e sagacidade dos homens de governo, visto que a sciencia lhes não fornece, por emquanto, quaesquer elementos mais ou menos positivos que os possa orientar n'esse caminho. Sob este ponto de vista, os homens limitam-se, por emquanto, á observação e verificação de factos. Ha alguns annos para cá, por exemplo, sem se saber a razão d'isso, as sardinhas abandonam as costas da França e affluem em grande quantidade ás costas da Galliza e de Portugal.

Epocas ha em que ellas desaparecem totalmente d'aquella costa.

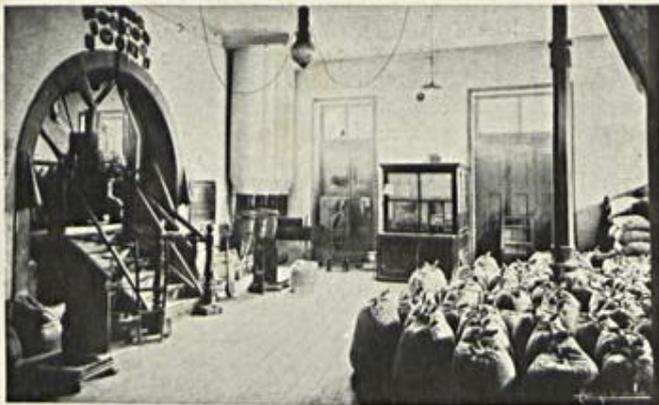
A observação da temperatura das aguas a diversas profundidades e o estudo da direcção e variação das correntes maritimas, são talvez os fios mais seguros que hão de fazer chegar o homem a qualquer conclusão.

Sabe-se, com effeito, por conscienciosos estudos feitos por Hau-

treux, que a temperatura é um dos factores principais, se não o principal, na determinação do *habitat* do maior numero das especies. O bacalhau, por exemplo, vive habitualmente nas camadas cuja temperatura oscilla entre 7° e 10° e, apenas por necessidade de procurar alimento, chega algumas vezes á isothermica dos 12°, mas nunca passa a temperatura superior. N'esse passeio á isothermica dos 12° o bacalhau procura a sardinha, sua gulodice predilecta, e por isso esta, pelo natural instincto de defesa, evita tanto quanto possível essa isothermica, vivendo de preferencia em temperaturas vizinhas dos 15°, chegando algumas vezes aos 12°, mas não passando nunca para temperaturas inferiores. D'aqui se vê quão grande importancia teria o estudo das oscillações da linha isothermica dos 12° nas diferentes estações do anno.

Nos Estados-Unidos, na Noruega e na Escocia vão tomando grande incremento as investigações e estudos d'esta natureza, e bom seria que as outras nações maritimas a elles se dedicassem tambem, para se poder reunir o maior numero de elementos possível e para d'ahi deduzir as leis biologicas que, relativamente a cada especie, mais particularmente interessem á industria das pescarias.

Um sabio oceanographo norueguez, Mohn, observou que ao longo das costas das ilhas Lofoten vive o bacalhau, de preferencia, em temperaturas de 4° a 5°, e d'ahi a necessidade de um navio, durante a estação da pesca, proceder a sondagens com o fim



Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro
Secção de pesagem da farinha

de verificar em que altura se encontra, em cada localidade, essa camada d'agua de 4° a 5°, e indicar aos pescadores a profundidade a que devem fazer descer os seus aparelhos.

E' sabido que junto ás costas do Senegal e de Marrocos se encontra perto da superficie das aguas grande quantidade de bacalhau. Os pescadores das Canarias ahí apanham annualmente cerca de 6 a 8 toneladas, e pena é que os armadores portuguezes não mandem os seus navios áquelles mares, onde até poderiam permanecer de inverno, pois que talvez o producto abundante da pescaria os fizesse abandonar a penosa, e por vezes perigosa, estação no Banco da Terra Nova.

Este facto encontra explicação nas observações e estudos do sabio oceanographo Hautreux a que nos referimos, pois, segundo elle, é exactamente n'aquellas paragens que se approxima da superficie a corrente de agua fria que, vindo do norte para o sul, vae no seu caminho profundando successivamente até cerca de 1:500 metros, voltando de novo progressivamente á superficie. E', com effeito, nas diferentes profundidades d'essa corrente de agua fria que se encontra o bacalhau.

Como acima dissemos, a grande maioria das especies comestiveis habitam junto das costas e não se encontram no alto mar. Todavia nas aguas do mar, longe das costas, vivem milhões de seres organizados do reino animal para os quaes a temperatura é tambem a condição capital da habitabilidade. Alguns formam com os seres do reino vegetal uma tão intima associação que se auxiliam mutuamente na alimentação, permitindo-lhes assim a uns e outros, espalhar-se por enormes extensões. Os *radiolares*, por exemplo, encerram nos seus tecidos numerosas cellulas amarellas que são algas, as quaes se alimentam dos productos elaborados pela planta.

A maior parte dos animais da fauna pelagica são transparentes o que os torna invisiveis, excepto quando se encontram reunidos em grande massa. Outros tomam as côres das plantas que lhes servem de refugio, como acontece no Mar dos Sargaços, onde



Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro
Armaçem de trigo

varios molluscos e crustaceos, ora são verdes, amarellos ou pardos, conforme a côr dos sargaços a que se acolhem.

As especies pelagicas temem quasi todas a luz. Durante o dia mergulham nas aguas a diferentes profundidades e á noite veem á superficie. Além d'estes movimentos diarios, varias especies emigram, por vezes e durante periodos de tempo mais ou menos longos, para diversas profundidades, e voltam bruscamente á superficie, produzindo os phenomenos da phosphorescencia, do mar de leite e da coloração das aguas, bem conhecidos dos navegadores.

Especies ha que em certo periodo da sua existencia fazem parte da fauna pelagica e n'outro da fauna profunda.

Durante muito tempo passou como verdade assente que, nas profundidades além de 500 metros, cessava toda a vida animal. Exemplares que por vezes eram trazidos de grandes profundidades, não conseguiram destruir essa crença pela incerteza de se realmente vinham das grandes profundidades os exemplares mencionados ou se teriam sido apanhados, a meio, ao retirar os aparelhos.

Entretanto, em 1860, o naturalista Wallich conseguiu pescar alguns pequenos animaes em condições de affiançar que provinham d'uma profundidade de 1:269 braças e pouco depois os trabalhos de concerto d'um cabo submarino no Mediterraneo forneceram occasião de verificar que realmente havia vida animal a grandes profundidades.

Desde então começaram as investigações iniciadas pelos Estados Unidos, logo seguidos pela Inglaterra, Noruega e França, e pescaram-se curiosissimos exemplares até 5:000 metros de profundidade.

Os peixes dos abyssos são todos de côr sombria, negros ou pardos. Caracteriza-os principalmente a atrophia dos aparelhos de locomoção e apoio. Como nas profundidades em que vivem não ha luz, são na sua grande maioria phosphorescentes, emittindo pequenos clarões amarellos, esverdeados ou lilaz. Muitos teem olhos, outros não, mas n'estes, para lhes facilitar a alimentação, a boca toma tal desenvolvimento que o resto do corpo parece não ser mais que o appendice d'esse enorme funil.



Fabrica de moagens de Barreto, Filhos & Genro
Armaçem de saccaria yasia

Os naturalistas teem-se visto em dificuldades para classificar alguns dos exemplares da fauna profunda. O Oceano é povoado de seres que não cabem em classificações methodicas.

Mas quem havia de dizer que a vida animal é possível sob pressões de 500 atmospheras?